



HORROR NO ORIENTE MÉDIO

O FUTURO DE GAZA DEPOIS DO INFERNO

APÓS A GUERRA, PALESTINOS TERÃO OS DESAFIOS DE RECONSTRUIR CIDADES ARRUINADAS E, SEGUNDO ISRAEL, ESCOLHER NOVA LIDERANÇA. HAMAS, POR SUA VEZ, INSISTE EM SER PARTE DO NOVO GOVERNO

» RODRIGO CRAVEIRO

Quando as bombas silenciarem na Faixa de Gaza, será a hora de revirar escombros, sepultar mais mortos e começar a pensar o futuro de um território devastado. Às vésperas de a guerra completar três meses e sem sinais de arrefecimento, Yoav Gallant, ministro da Defesa de Israel, apresentou um plano para o enclave, o qual determina que nem o movimento fundamentalista palestino Hamas nem o Estado judeu governem Gaza. Os palestinos terão que fazer escolhas políticas e forjar um governo que seja aceito por todas as facções.

O premiê de Israel, Benjamin Netanyahu, insiste na eliminação do Hamas, responsável pelo massacre de 1,2 mil pessoas em 20 kibbutzim no sul do Estado judeu, em 7 de outubro. "Aqueles que acham que vamos parar vivem desconectados da realidade", avisou. Para Netanyahu, é impossível a existência do Hamas, responsável pelo controle de Gaza antes da guerra. A ideia de Gallant é que os "comitês civis" assumam o comando, após o desmantelamento militar do grupo extremista. "O Hamas não governará Gaza, nem Israel governará seus civis", assegurou.

Em entrevista ao **Correio**, Basem Naim — chefe do Departamento Político do Hamas em Gaza e ex-ministro da Saúde — defendeu que "apenas os moradores de Gaza e os palestinos têm o direito de decidir sobre o futuro". "Ainda é cedo para falarmos sobre

AFP



Garoto palestino tenta salvar pertences em meio aos escombros de prédio atingido por míssil, em Khan Yunis

o tema, antes do fim da agressão à Faixa de Gaza. A decisão será exclusiva dos palestinos. Estamos prontos para fazer parte de um governo de unidade nacional, após discutirmos o assunto internamente e com outras facções."

Naim acredita que a ocupação e o cerco impostos por Israel serão os principais desafios à reconstrução da Faixa de Gaza. "Uma das condições a serem alcançadas imediatamente, tão logo a agressão termine, é o fim do cerco a Gaza, com a abertura de todos os postos fronteiriços e a permissão de

entrada de material. Outro desafio será lidar com centenas de milhares de pessoas que perderam suas casas e com toda a infraestrutura destruída. Tudo isso terá que ser reconstruído", disse o líder do Hamas.

Embaixador palestino no Brasil, Ibrahim Alzeben ressalta que a participação do Hamas e de outras facções é estratégia suprema da Organização para a Libertação da Palestina (OLP). "Isso é a democracia. O povo palestino decidirá seu presente e seu futuro, com base no respeito aos interesses

supremos da nação e de acordo com o direito internacional." Ele lembrou que o Hamas faz parte do tecido político palestino desde 1987.

Para Alzeben, o mais importante é restaurar a esperança e a segurança, e "abrir a porta à verdadeira paz e à vida normal" em Gaza, na Cisjordânia e em Jerusalém. "Vítimas inocentes não retornarão à vida. Pagamos centenas de milhares de vítimas, enquanto buscamos a nossa soberania e os nossos direitos legítimos, na condição de um povo com seu Estado e seu patrimônio. Vamos

reconstruir Gaza e restaurar a vida em suas terras. Quando a Segunda Guerra Mundial terminou, a Europa regressou ao seu esplendor. Ainda que o processo seja oneroso, o importante é que haja vontade", acrescentou o embaixador.

Incerteza

Na opinião de Richard Falk — professor de relações internacionais da Universidade de Princeton e ex-relator especial da ONU para a Palestina Ocupada (2008-2014) —, o futuro de Gaza é incerto. "Se Israel prevalecer, Gaza estará pronta para ser administrada como um território dividido, com Israel no controle direto da parte norte. O sul será governado de modo indireto, por meio de uma coalizão fraca de palestinos submissos", opinou. "Se Israel não acabar com a devastação, uma unidade nacionalista palestina mais dedicada provavelmente governará Gaza e continuará a pressionar pela realização dos direitos palestinos, com mais intensidade."

Cientista político da Universidade Bar Ilan, em Ramat Gan (Israel), Gerald Steinberg prevê arranjos complexos. Ele espera que Israel se responsabilize pela segurança e mantenha a capacidade militar para impedir a reconstrução da "infraestrutura terrorista". "A Autoridade Palestina terá papel formal nas eleições. Gaza precisará se transformar de uma entidade corrupta do terror, com serviços sociais e econômicos baseados na dependência das Nações Unidas, em uma sociedade autossustentável."

Entrevista | MUSTAFA BARGHOUTI, SECRETÁRIO-GERAL DA INICIATIVA NACIONAL PALESTINA

"A única solução é o governo de unidade nacional"

Aos 69 anos, o médico e ativista palestino Mustafa Barghouti ocupa o cargo de secretário-geral da Iniciativa Nacional Palestina. Um dos políticos mais influentes da Palestina, foi cotado para receber o Prêmio Nobel da Paz e chegou a disputar a presidência da Autoridade Palestina (AP), em 2005. Membro do Conselho Legislativo Palestino desde 2006, é um potencial candidato à sucessão do presidente Mahmud Abbas nas próximas eleições. Em entrevista ao **Correio**, por telefone, Barghouti acusou Israel de querer expulsar a população da Faixa de Gaza para o Egito e advertiu que o enclave palestino será parte do futuro Estado palestino.

Como analisa a proposta de um governo unificado da Cisjordânia e da Faixa de Gaza sob a Autoridade Palestina?

Benjamin Netanyahu disse que não há lugar para a Autoridade Palestina na

Faixa de Gaza. A meta de Israel é negligenciar Gaza por completo. Nós estimamos que mais de 25 mil palestinos foram mortos desde 7 de outubro. Há mais de 50 mil feridos. Pelo menos 10 mil crianças morreram. Eles bombardeiam todos os lugares e forçam as pessoas a se deslocarem para o sul, para empurrá-las ao Egito. Mas as pessoas não sairão. Se não saírem, isso será o fracasso de Israel.

De que modo vê novo governo em Gaza?

Depois da guerra, os palestinos deveriam ser capazes de formar um governo de unidade nacional, que incluiria todos os grupos. Ele teria a tarefa de preparar terreno para as eleições livres. Não aceitamos o patronismo de nenhum organismo ou de Israel. Gaza e Cisjordânia estão unidas. A Faixa de Gaza é parte do futuro Estado palestino. A única solução é o governo de unidade nacional, com liderança nacional unificada. O

Jaafar Ashtiyeh/AFP



povo que governa Gaza deveria ser aquele eleito pela população.

O Hamas deve fazer parte desse governo de unidade nacional?

O Hamas é parte do povo palestino e

parte dos grupos palestinos. Ele não pode ser totalmente excluído. No entanto, o Hamas se mostra flexível em relação a esse assunto. Eles aceitariam apoiar um governo de unidade nacional.

Como será o esforço de reconstrução da Faixa de Gaza? Concorda com a presença de forças estrangeiras de paz?

Eles podem enviar tropas de paz para permanecerem nas fronteiras da Faixa de Gaza, não dentro do território. Gaza precisa ser controlada pelo próprio povo de Gaza. Sobre o tema da destruição de Gaza, Israel tem que pagar compensações por tudo o que arruinou. Os países que participaram da guerra, enviando seus aviões e bombas, também terão que contribuir para reerguer o que destruíram. Mais de 70% das casas de Gaza foram danificadas ou transformadas em ruínas. Eles destruíram todas as universidades, muitos hospitais e mais de 300 escolas.

O nome do senhor é cotado como potencial sucessor de Mahmud Abbas. Quais serão suas prioridades em um eventual governo palestino?

Se houver eleições democráticas livres, ainda não estou morto... Eu estarei pronto a participar. Não há problema. Eu o fiz em 2005. A coisa mais importante, agora, é parar a guerra. Deter a agressão e providenciar um cessar-fogo completo. A segunda prioridade, ao mesmo tempo, é trazer material para apoiar o povo de Gaza. As pessoas estão famintas e privadas de água. Temos infecções — 350 mil palestinos estão doentes por causa da falta de água potável e de abrigo. As pessoas estão jogadas nas ruas. Precisamos de suprimentos de primeiros socorros que não chegaram a Gaza. Depois do cessar-fogo, podemos começar um processo político verdadeiro, a fim de acabar com a ocupação. (RC)

